

acompanhe
as eleições
em
semmais.pt

semmais

GUIA AUTÁRQUICAS DUÉLO NO FEMININO EM ALMADA DOMINA ELEIÇÕES NA REGIÃO

As atenções estão centradas em Almada, na disputa entre Inês de Medeiros e Maria das Dores Meira, que deixou vaga a cadeira de Setúbal, que é outro dos atos eleitorais a seguir. Há regressos e algumas incógnitas. Siga as nossas Autárquicas a partir do Guia que publicamos nesta edição.

Págs. 5 à 12

PANDEMIA ACENTUOU FRAGILIDADES DA REGIÃO E 'DESTAPOU' CRISE SOCIAL

Península de Setúbal: será preciso uma nova OID, três décadas depois?

Os efeitos da pandemia fazem-se sentir na região com um aumento de famílias carenciadas, a maioria oriundas da classe média. O fim das moratórias pode ter um efeito devastador. E a indústria aguentou, mas mantém problemas. Será necessária uma nova OID na região?

TEXTO LUÍS NASCIMENTO IMAGEM DR

M. E F. SÃO UM CASAL na faixa dos 30 anos, que reside numa das freguesias mais deprimidas económica e socialmente do distrito. Trabalhadores qualificados, foram despedidos pouco antes do início da pandemia. Confessam ao Semmais que ao serem atingidos “por algumas coisas ao mesmo tempo, isso afeta a sua capacidade de pensar claramente”, diz M. e F. “Estamos a lutar contra incêndios o tempo todo” rematam.

O maior temor por estes dias é a aproximação do fim das moratórias atribuídas pelos bancos, com a anuência do Governo, no que concerne à habitação.

“O fim das moratórias vai agravar todo o impacto negativo a que estamos a assistir na região e no país”, adverte Domingos Sousa, presidente da Cáritas Diocesana de Setúbal. “Há pessoas que se fecham e lutam para não mostrarem as suas fragilidades”, acrescenta o dirigente desta IPSS. “É um sentimento de impotência quando você tem três filhos e não consegue pensar como os vai alimentar no dia seguinte”, desabafa M.

A Cáritas de Setúbal é talvez a IPSS com mais meios humanos e financeiros a operar na região, no sentido de ajudar a mitigar os efeitos das sucessivas crises endémicas no tecido económico e social do distrito. “Temos usado até ao limite o montante dos donativos”, esclarece Domingos Sousa. E sublinha que os custos da água, energia, e da saúde são problemas gritantes de há muito tempo, agravados, agora, pela Covid-19. “Sentimos uma procura enorme de apoio alimentar”, adverte o dirigente, lembrando que as classes média e média-alta, que antes faziam donativos alimentares e financeiros, estão nesta fase a bater à porta das instituições a cargo da Cáritas a pedir apoios básicos.

“Já não são apenas os excluídos, como os sem-abrigo”, afirma Domingos Sousa, revelando que entre março e junho deste ano registou-se um aumento de 25% de procura. Mas mesmo com este cenário de agravamento da crise social no distrito, o líder da Cáritas Diocesana de Setúbal garante que a instituição da Igreja não vai cruzar os braços na ajuda de emergência social.

Uma das razões apontadas por Domingos Sousa para o recrudescer do fenómeno é a “instabilidade e precariedade do emprego”. E acrescenta que, a manter-se esta situação, a breve prazo podemos estar perante o fim da classe média, com uma sociedade de “pobres e ricos”.

Como contrapartidas para a mitigação destas chagas sociais, Domingos Sousa defende a diminuição da carga fiscal sobre os trabalhadores. “Se não houver medidas compensatórias para as famílias, como uma renegociação dos juros de crédito, que lhes

permita estabilizar, teremos então um quadro muito mais grave”, adverte o líder da Cáritas de Setúbal.

'BAZUCA' PODE EVITAR RISCO DO REGRESSO À CRISE DOS ANOS 80?

Alguns observadores já admitem uma crise sem precedentes a lembrar os anos 80, do século passado, em que a fome atingiu dezenas de milhar de famílias no distrito. “É uma bolha que pode rebentar, a chamada bazuca (PRR - Plano de Recuperação e Resiliência), pode salvar alguns grupos a que se dirige, mas não salvar aqueles a que é suposto chegar”, reitera Domingos Sousa.

M. e F. não acreditam num “milagre” trazido por esses fundos da União Europeia, que tem sido a ‘estrela’ principal da campanha para as eleições autárquicas de 26 de setembro: “É propaganda, o dinheiro vai para os mesmos de sempre, eu já desliguei de vez a televisão”, diz M. exasperado com a sua condição de viver abaixo do limiar da pobreza, ele que em tempos foi agente numa mediadora de seguros. O RSI - Rendimento de Inserção Social - para estas cinco pessoas, o casal e mais três filhos, é curto para pagar alimentação, água, energia e a pesada prestação do empréstimo bancário para a aquisição de um apartamento adquirido vai para 14 anos. Para F. as causas são conhecidas, reconhecendo que muitas pessoas nunca recuperaram da anterior crise em plena época da troika. “Julgo que não é preciso ser economista ou sociólogo para antever os danos provocados pela crise, mas sobretudo pelas políticas draconianas impostas pelo ultraliberalismo dos últimos governos nesse período a que o país esteve sujeito à troika. Vão levar muitos anos a recuperar o país e o distrito”, diz F.

INDÚSTRIA RESISTIU MAS HÁ PROBLEMAS COM MATÉRIA-PRIMA

Para Nuno Maia, diretor-geral da AISET - Associação da Indústria da Península de Setúbal, “os efeitos da pandemia nas empresas de Setúbal fizeram-se sentir primordialmente pela redução e alteração das encomendas internacionais, uma vez que a maior parte da sua produção se destina exclusivamente à exportação e não ao mercado interno”.

Nuno Maia diz ainda ao Semmais que “algumas empresas recorreram inicialmente aos mecanismos criados para apoio ao emprego, como o lay-off temporário, mas retomaram, na sua maior parte, o nível normal de produção nos últimos meses”. Outro fator importante, segundo o mesmo dirigente, foi “não se ter registado despedimentos relevante durante este período nas



empresas do distrito”. Situação que se ficou a dever “à robustez económica e financeira” das principais unidades industriais exportadoras aqui instaladas.

Esta solidez, afirma Nuno Maia, fez com que esse grupo de empresas tivessem conseguido resistir às suas atividades apesar da “manutenção de custos e redução temporária de receitas”, resultantes de paragem de produção e dificuldades comerciais, sobretudo a nível do mercado externo.

O diretor-geral da AISET alerta, contudo, para “graves dificuldades de fornecimento de matérias-primas”, nomeadamente componentes para algumas indústrias instaladas no distrito, originárias do mercado asiático, agravado pelas dificuldades que se fazem sentir ao nível do transporte internacional. “Estas perturbações têm levado a paragens pontuais em algumas unidades da nossa indústria, como é o caso da Autoeuropa, e a falhas no cumprimento de prazos junto de clientes”.



PDR 2020 - GAL ADREPES RURAL

Candidaturas até 31 de outubro de 2021

A ADREPES - Associação de Desenvolvimento Regional da Península de Setúbal informa que entre 22 de setembro e 31 de outubro de 2021 encontra-se a decorrer o período para apresentação de candidaturas, nas seguintes ações do PDR 2020:

- 10.2.1.1 – Pequenos investimentos nas explorações agrícolas;
- 10.2.1.2 – Pequenos investimentos na transformação e comercialização de produtos agrícolas;
- 10.2.1.2 – Pequenos investimentos na transformação e comercialização de produtos agrícolas – Armazenamento de Vinho;
- 10.2.1.3 – Diversificação de atividades na exploração agrícola;

No total estão disponíveis € 693.000 de financiamento a aplicar no território de intervenção do GAL ADREPES RURAL.

Recomenda-se a consulta de informação relativa a cada uma das ações em www.adrepes.pt/gal-rural e o contacto prévio com a equipa técnica da ADREPES através de marcação por telefone 212 337 930 ou correio eletrónico adrepes@adrepes.pt.



URGÊNCIAS DO HOSPITAL SÃO BERNARDO JÁ ACUMULAM DOENTES NOS CORREDORES

Médicos alertam para falência dos serviços no inverno

Obstetrícia, medicina interna, cardiologia e oncologia são algumas das especialidades onde mais se nota a falta de médicos. Administração acusada de “dourar a pílula”.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR



AS EQUIPAS MÉDICAS que prestam serviço no Hospital São Bernardo, em Setúbal, ainda aguardam pelo reforço de cerca de 40 milhões de euros para

melhorar as condições físicas do estabelecimento e para que se possa proceder à contratação de mais profissionais de saúde. Conforme refere o Sindicato In-

Serviço de cardiologia também poderá estar à beira da falência

dependente dos Médicos (SIM), sem essas melhorias, a situação

de atendimento dos utentes “vai piorar antes de melhorar”. Esta semana, por exemplo, chegaram a acumular-se quase 50 pacientes em macas espalhadas pelos corredores do serviço de urgência.

A situação foi denunciada pelo presidente do Conselho Regional Sul da Ordem dos Médicos (OM), Alexandre Valentim Lourenço, que salientou o facto de, apesar de anunciadas, “as obras previstas há mais de cinco anos para o serviço de urgência ainda não começaram”.

Já para o porta-voz do SIM, Jorge Roque da Cunha, este problema de falta de condições físicas e humanas no Hospital São Bernardo parece ser também causado pela própria administração. “Estão sempre a dourar a pílula, dizendo que são situações pontuais. Como se tratam de nomeações políticas, as administrações vão defendendo o Ministério da Saúde em vez de defenderem o próprio hospital e quem nele trabalha ou a quem a ele recorre”, disse ao Semmais.

FRAGILIDADE NA OBSTETRÍCIA E CUIDADOS INTENSIVOS

Para Jorge Roque da Cunha a atual situação de rutura dos serviços poderá agravar-se em breve. “Com o inverno tudo irá piorar. Vai aumentar o número de pessoas que quer sair do hospital e também o das que não vai querer ir para lá”, salientou o sindicalista, referindo que não é possível continuar a exigir aos médicos que trabalhem “400 e mais horas”.

Neste momento a falta de pessoal clínico tem reflexos mais preocupantes nas especialidades de medicina interna, obstetrícia e na área dos cuidados intensivos. Jorge Roque da Cunha revela, no entanto, que também a cardiologia parece estar à beira da falência, uma vez que os profissionais desta unidade hospitalar acabam por ser responsáveis por cerca de 300 mil pessoas, pois os utentes do Litoral Alentejano, por não possuírem essa especialidade naquela região, acabam por ser encaminhados para Setúbal.

Já Alexandre Valentim Lourenço critica a administração do São Bernardo por “contratar sistematicamente empresas externas que enviam tarefeiros que não têm nenhuma ligação ao hospital”, situação que não contribui para resolver a falta de clínicos em diversas especialidades.

Exemplificando, o presidente regional da OM disse que “a oncologia tinha oito médicos há dois anos e neste momento tem apenas dois, o que significa que a maior parte dos cancros que eram tratados pela oncologia médica já estão a ser desviados para outro hospital”. O mesmo responsável salientou ainda a falta de pessoal no serviço de obstetrícia, que deveria ter 21 especialistas, mas que só conta com 11 “dos quais oito têm mais de 57 anos, sendo que dois já pediram a reforma este ano” e dois outros vão seguir o mesmo caminho em 2022. ■

Distrito perdeu um terço dos bancos em dez anos

As quebras dos lucros da banca explicam o encerramento da maior parte dos balcões. Há localidades, como o Feijó, que passaram de cinco para zero bancos.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR

A DEPENDÊNCIA BANCÁRIA do Novo Banco no Monte Belo, em Setúbal, fecha no final do mês. Nada de novo, seja no distrito seja a nível nacional. Apenas a confirmação de uma tendência que se tem vindo a acentuar na última década, onde fecharam um terço dos balcões existentes no país. No nosso distrito, embora não tenha sido possível apurar os números totais, estima-se que a percentagem seja idêntica à nacional. Há, contudo, localidades mais atingidas, como o Feijó, no concelho de Almada, que de cinco bancos pas-

sou para zero, restando-lhe apenas uma caixa de levantamento automático.

Luís Palma, presidente da Junta de Freguesia de Laranjeiro/Feijó faz as contas rapidamente. Nos últimos quatro ou cinco anos, no Feijó, “encerraram as dependências do Montepio, Millenium, Novo Banco, Caixa Geral de Depósitos e Santander”. Agora, diz, “resta apenas uma caixa multibanco na Estrada da Algazarra”.

Os prejuízos para uma população calculada em cerca de 19 mil pessoas são, segundo o au-

tarca, “incalculáveis”. “As pessoas passaram a deslocar-se a outras zonas, nomeadamente ao Laranjeiro, para poderem fazer as operações que antes realizavam perto de casa. Não se trata de fechar as dependências apenas porque as mesmas poderiam não ter movimento, até porque a localidade tem um parque industrial, muito comércio e diversas escolas”, explicou.

A solução preconizada para esta localidade passa por, a breve trecho, instalar novas caixas de atendimento automático. Será uma iniciativa da junta que, contudo, poderá não satisfazer totalmente a população. É que, conforme referem bancários entretanto contactados, apesar de existir uma tendência generalizada dos bancos para encaminhar os clientes para



as novas tecnologias (e-banking e online), ainda se constata que uma percentagem elevada de pessoas prefere o atendimento presencial.

A informação disponibilizada por alguns dos bancos refere, em relação a alguns dos concelhos da margem Sul, o fecho recente de dependências no Feijó, Fogueiteiro, Lavradio, Forum Montijo, Verderena, Sobreda da Caparica e Cacilhas, no que se refere à Caixa Geral de Depósitos, e Cacilhas, Feijó, Corroios e Amora, no que diz respeito ao Montepio. Embora sem confirmação, é sugerido que este ano, à semelhança do que está a ocorrer nalgumas localidades do

Dependência do Novo Banco no Monte Belo fecha este mês

concelho de Almada, também no município do Seixal vários bancos encerrarem os seus serviços.

No distrito de Setúbal, de acordo com as estatísticas da Agência Portuguesa de Bancos, terão encerrado entre 2008 e 2018 cerca de 33% das dependências que existiam, ou seja 125 balcões. O número de estabelecimentos, no período em análise, passou de 373 para 248, admitindo-se que este ano o total seja “significativamente mais reduzido”. ■

Região à espera de uma grande vindima de moscatel

Este ano aguarda-se uma produção de mais de 20.000 hectolitros de vinho de grande qualidade. As esperanças no aumento das exportações são reais.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR

À SEMELHANÇA DOS VINHOS

tintos e brancos, também os que são derivados da casta moscatel deverão ter, este ano, uma produção rica em qualidade e quantidade. A mais de uma semana do termo das vindimas, os indicadores apontam para a obtenção de uvas de alta qualidade que, se tudo correr como o previsto, poderão fazer com que este tipo de vinho - o Moscatel de Setúbal e o Moscatel Roxo - ultrapassem a quota de dez por cento destinada à exportação verificada no ano transato.

“Temos as melhores expectativas”, sintetizou ao Semmais o presidente da Comissão Vitivinícola Regional da Península de Setúbal (CVRPS), José Henrique Soares. “As uvas para o Moscatel Roxo já foram apanhadas e as do Moscatel de Setúbal estão a ser colhidas. Tudo leva a crer que será, à semelhança do que já sucedeu com as vindimas dos tintos e dos brancos, um excelente



ano”, acrescentou.

José Henrique Soares acrescentou ainda que na península apenas cerca de cinco por cento das uvas são para produção de moscatel licoroso. Deste vinho, adiantou, uma percentagem de dez por cento deverá ser exportada. Aumentar as vendas deste tipo de vinho é, de resto, um

dos grandes objetivos dos produtores da região, que têm nos mercados do Brasil, Canadá e do Norte da Europa alguns dos principais compradores.

Atualmente as vinhas de Moscatel de Setúbal ocupam uma extensão de cerca de 520 hectares, enquanto as destinadas ao Moscatel Roxo são encon-

Plantação de uva moscatel ocupa cerca de 600 hectares

tram-se apenas em 43 hectares. “Não podemos esquecer que a grande referência da região são as castas de vinho tinto”, relembra o José Henrique Soares.

Com preços, para as qualidades superiores, mais elevados do

que a média dos vinhos tintos e brancos, o moscatel deverá, na opinião dos produtores, apresentar-se nos mercados internacionais com valores superiores aos atuais no que se refere às referências mais baixas. Trata-se, dizem, de uma forma de prestigiar o próprio produto e, desse modo, poder aumentar as vendas para o estrangeiro.

A própria casta moscatel, que hoje faz do vinho produzido em Setúbal um dos principais néctares espirituosos do país, a par do Vinho do Porto e do Vinho da Madeira, já esteve em vias de extinção no distrito na década de 1980. Nessa ocasião terão sido casas como a José Maria da Fonseca e a então JP Vinhos, que veio a dar origem à Bacalhoa Vinhos de Portugal, que a salvaram.

A recuperação deste tipo de uva foi de tal modo bem sucedida que, há dois anos, foram produzidos no distrito cerca de 20.000 hectolitros de moscatel. Foi, de resto, o grande interesse demonstrado pelos produtores da região, que culminou com a obtenção de Denominação de Origem, distinção que para ser obtida obriga a que em cada garrafa exista uma quantidade mínima de 85 por cento de uva moscatel (o nome da casta é moscatel de Alexandria ou moscatel Graúdo). ■

KPMP Global investe na empresa Sivipa

Um novo investidor injetou capital angolano na Sivipa. O objetivo é que a empresa vitivinícola alavanque as vendas e a competitividade.

TEXTO ANTÓNIO LUÍS

A SIVIPA - Sociedade Vinícola de Palmela, SA, criada em 1964, está com novo sangue na guelra. No início do ano, passou a designar-se, apenas, Sociedade Vinícola de Palmela - Palmela Wine Company. Além disso, conta com um novo investidor de capitais angolanos, a KPMP Global, que adquiriu as ações de alguns vitivinicultores que deixaram de produzir vinho.

Filipe Cardoso, diretor geral, diz que a mudança de nome “não é drástica”, porque só desaparece a designação Sivipa. “Penso que a empresa ganhou um nome mais sonante e comercial e, quando formos a eventos no estrangeiro, vai ser mais fácil divulgar a marca em inglês”.

Em fase de reestruturação da adega, Filipe Cardoso, que também é o enólogo da casa, assume que irá haver alterações nos rótulos e no conceito dos vários produtos, com destaque especial para os vinhos de mesa e moscatéis. “Os nossos clientes ainda vão encontrar no

mercado, durante mais um ou dois anos, vinhos com os rótulos atuais. Estas alterações ainda levam algum tempo. Não queremos apressar as coisas porque, às vezes, não resultam bem. Estamos a trabalhar com calma neste processo de transição até chegarmos onde queremos”, explicou ao Semmais.

Segundo o mesmo responsável, a empresa pretende figurar entre “as grandes e melhores” vitivinícolas portuguesas, com uma imagem “mais competitiva” e com vinhos a serem vendidos em todo o país e no estrangeiro.

Filipe Cardoso desvendou que os novos investidores estrangeiros, com vários acionistas portugueses e sede em Portugal, assumiram “56% do capital” da Sivipa, enquanto a família Cardoso detém 38%. “Junto com eles, somos acionistas maioritários e podemos levar a empresa para o caminho que pensamos que é o mais adequado e que poderá alcançar frutos no futuro”. O diretor recorda que estes acionistas já eram parceiros “há muitos anos”. “Em Angola já comercializam os nossos vinhos, os quais têm tido uma boa aceitação. Por isso, resolveram apoiar-nos e decidiram investir”, sublinha, acrescentando que esta parceria surge numa altura em que a Sivipa está a avançar com algumas obras nas instalações. ■



PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO RURAL 2014-2020



ADL
Associação de Desenvolvimento do Litoral Alentejano

Ação 10.2 do PDR 2020

CANDIDATURAS ABERTAS

Tipologia de Apoio:

- Pequenos Investimentos na Transformação e Comercialização de Produtos Agrícolas – Apoio à Aquisição de Capacidade de Armazenagem – Setor do Vinho - 10.2.1.2

De 24 de setembro de 2021 a 29 de outubro de 2021
(7º Concurso)

Território de Intervenção:
Litoral Alentejano (ALCÁÇER DO SAL, GRÂNDOLA, ODEMIRA, SANTIAGO DO CACÉM, SINES)

Consulte o Aviso de Abertura do Concurso e legislação aplicável em:

www.portugal2020.pt
www.pdr-2020.pt
www.adl.litoralalentejano.pt

Esclarecimento de dúvidas:

Telefone: 269 827 233 e 283 386 295
 Email: adl.alentejano@mail.telepac.pt



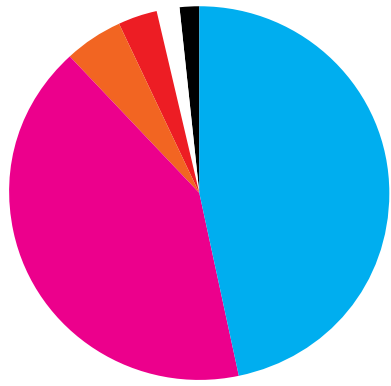




DOSSIER
**AUTÁRQUICAS
2021 no distrito**

ALCÁCER DO SAL

RESULTADOS 2017



4 **PCP - PEV**
46,82%
2.956 votos

3 **PS**
41,29%
2.607 votos

**PPD/PSD.
CDS-PP**
4,99%
315 votos

BE
3,48%
220 votos

EM BRANCO
1,85%
117 votos

NULOS
1,57%
97 votos

Votantes
59,54%

6.314 votantes
10.604 inscritos

CANDIDATOS



CDU
Vitor Proença



PS
Clarisse Campos



PPD/PSD
Gonçalo Nunes



CHEGA
João Alves Paiva

Combate de Clarisse poderá impedir reforço de Proença?

NAS ELEIÇÕES DE 2017, o atual presidente do município, Vitor Proença (CDU), que se recandidata a um segundo mandato, viu reduzir a diferença eleitoral que o separa da socialista Clarisse Campos em apenas 346 votos expressos, alargando o ânimo para a ambição do PS em reconquistar o poder em Alcácer do Sal.

Não deixou de ser um salto eleitoral considerável por parte dos socialistas, tendo em conta que quatro anos antes, em 2013, Proença ganhara com estrondo, deixando a sua principal opositora a 1404 votos.

Ainda assim, num concelho pequeno, com mais de dez mil e seiscentos eleitores,

nos mesmos dois atos eleitorais a repartição de mandatos manteve-se inalterada, numa relação de 4 para 3 eleitos, o que tem dado a maioria confortável à CDU.

Entre a confiança de Vitor Proença e a persistência de Clarisse Campos se vai nortear a disputa eleitoral, que trouxe o líder do PS, António Costa, e o secretário-geral do PCP, Jerónimo de Sousa, à campanha alcacerense.

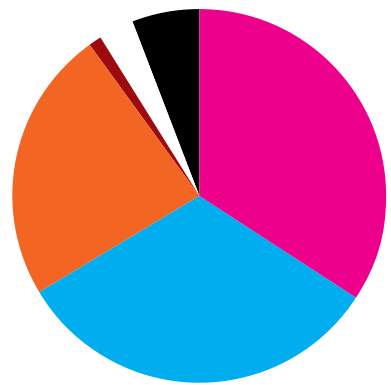
O autarca da CDU é um dos mais experimentados da região e um dos poucos a ganhar em dois concelhos, nomeadamente em Santiago do Cacém, onde cumpriu um ciclo de doze anos como presidente do município, e em Alcácer do Sal, destro-

nando a câmara antes gerida pelo socialista Pedro Paredes. Clarisse Campos, por sua vez, tem ascendido no partido da rosa, tendo ocupado o lugar de deputada na bancada socialista no quadro das últimas legislativas.

Fora das grandes contas, surgem o candidato Gonçalo Nunes, que representa o PSD, partido que em coligação com o CDS-PP em 2017 obteve 315 votos; e João Alves Paiva, do Chega, que não deixa de ser uma incógnita eleitoral. Há ainda a considerar um certo suspense com os 220 votos alcançados pelo Bloco de Esquerda há quatro anos, uma vez que este partido não vai desta vez a votos em Alcácer do Sal. ■

ALCOCHETE

RESULTADOS 2017



3 **PS**
34,41%
2.856 votos

2 **PCP - PEV**
32,12%
2.666 votos

2 **PPD/PSD.
CDS-PP**
23,65%
1.963 votos

PCTP/MRPP
1,18%
98 votos

EM BRANCO
2,94%
244 votos

NULOS
5,69%
472 votos

Votantes
56,76%

8.299 votantes
14.621 inscritos

CANDIDATOS



PS
Fernando Pinto



CDU
Luís Miguel Franco



PPD/PSD
Pedro Louro



CDS-PP
Vasco Pinto



CHEGA
Gabriel Ribeiro Mitá

PS quer consolidar de vez o poder, enfrenta o regresso de Franco

HÁ QUATRO ANOS, a candidatura socialista, liderada por Fernando Pinto, atual presidente, reconquistou a câmara de Alcochete à CDU, aproveitando bem a saída por limitação de mandato de Luís Franco, que cumpriu um ciclo de doze anos à frente do município. Agora regressa e espera inverter os papeis.

Em 2013, a CDU de Luís Franco dominava com uma maioria absoluta robusta, com cinco mandatos, contra um do PS e um do CDS-PP. Quatro anos depois, em 2017, perdeu três mandatos, dois para os socialistas e um para a coligação, entretanto formada pelo CDS-PP e o PSD.

Fernando Pinto, venceu este ato eleitoral por escassos 190 votos, mas a sua recuperação relativamente às eleições de 2013 foi de grande monta, reavendo uma

diferença de mais de 2600 votos, o que num concelho pequeno, como o de Alcochete, com um universo eleitoral de aproximadamente quinze mil inscritos e pouco mais de oito mil votantes, não deixa de ser obra.

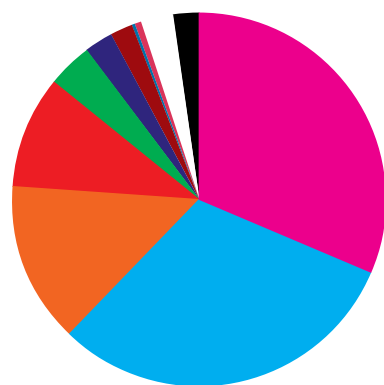
A disputa eleitoral volta a ser dominada pelo PS e pela CDU, tanto mais que a coligação de direita, CDS-PP, PSD, que em 2013 alcançou 1.963 votos, garantindo a eleição de dois vereadores, desfez-se. O centrista Vasco Pinto, que tem sido 'aliado' dos socialistas no mandato que agora termina, e Pedro Louro, o candidato social democrata às eleições de 26 de setembro, lutam no patamar abaixo, procurando manter a presença no executivo municipal. E há a candidatura e Gabriel Mithá, do Chega.

No topo da corrida, a confiança do atual presidente socialista parece inabalável, sendo que ao contrário de há quatro anos parte para a eleição como incumbente e não como opositor. Luís Franco, reaparece em cena para recuperar a liderança do município para a coligação PCP/Os Verdes. Resta saber se, depois de quatro anos de gestão socialista, consegue manter parte do capital político que granjeou no seu ciclo autárquico.

Recorde-se que os socialistas tinham ganho a câmara de Alcochete em 2001, num mandato turbulento do ex-presidente José Inocêncio, que perderia as eleições em 2005. Mas o perfil de Fernando Pinto é muito diferente e tem agora a sua obra em avaliação. ■

ALMADA

RESULTADOS 2017



4	4	2
PS	PCP-PEV	PPD/PSD
31,46%	30,84%	14,08%
20.910 votos	20.497 votos	9.362 votos

1	PAN	CDS-PP
BE	3,89%	2,55%
9,64%	2.588 votos	1.694 votos
6.409 votos		

PCTP/MRPP	PNR	PTP
1,82%	0,44%	0,28%
1.211 votos	290 votos	185 votos

EM BRANCO	NULOS
2,88%	2,12%
1.914 votos	1.412 votos

Votantes
44,23%

66.472 votantes
150.275 inscritos

CANDIDATOS



PS
Inês de Medeiros



CDU
Maria das Dores Meira



**PSD/CDS-PP/
ALIANÇA/
PPM/MPT**
Nuno Matias



BE
Joana Mortágua



PAN
Vítor Pinto



IL
Bruno Coimbra



CHEGA
Manuel Matias

Incertezas alimentam duelo entre Inês de Medeiros e Dores Meira

É O DUELO QUE ESTÁ A PRENDER todas as atenções nestas autárquicas no distrito de Setúbal, entre a socialista Inês de Medeiros, que fez história nas últimas eleições municipais ao retirar a CDU do poder, e Maria das Dores Meira, que a defronta após doze anos à frente da câmara de Setúbal.

As sondagens já ditaram empate técnico e algum desafio de Inês de Medeiros, mas mantêm-se a expectativa naquele que é o maior concelho do distrito em termos demográficos.

Há quatro anos, em 2017, a contagem dos votos foi até últimas, com o PS a vencer por 413 votos de diferença, uma pequena margem e a conquista de quatro mandatos, os mesmos conseguidos pela

CDU. Nas eleições anteriores, em 2013, a diferença era retumbante, desta feita para a CDU, que alcançou 23.466 votos, contra 15.586 obtidos pelos socialistas, que resultou em seis mandatos contra três.

Desta vez, Inês de Medeiros conta com quatro anos de trabalho e uma campanha forte, contra a candidata da CDU que teve que se desdobrar na atividade da presidência em Setúbal e as ações no terreno em terras almadenses. Maria das Dores Meira aposta na experiência e na obra que diz ter deixado na capital do Sado.

Nestas contas, há ainda que contar com o PSD de Nuno Matias, em coligação alargada com o CDS-PP, Aliança, PPM e MPT, que em 2017 conquistou dois man-

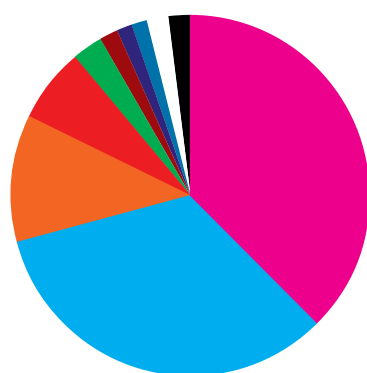
dados, resultado que lhe permitiu assumir-se como fiel da balança na governabilidade do município. O Bloco de Esquerda volta a candidatar Joana Mortágua, à procura de um lugar na vereação. E correm também nesta disputa eleitoral candidatos da Iniciativa Liberal, PAN e Chega.

É bem possível que se trave uma luta ainda mais bipolarizada, entre as duas forças políticas com verdadeira capacidade eleitoral para atingir a cadeira do poder, e é ainda suposto, neste quadro, uma quebra da abstenção.

Em 2017 votaram 66.472 eleitores, e registou um elevado número de votos em branco, 1.914, e nulos, 1.412, para um total de inscritos acima dos 150 mil. ■

BARREIRO

RESULTADOS 2017



4	4	1
PS	PCP-PEV	PPD/PSD
37,54%	33,28%	11,39%
12.876 votos	11.414 votos	3.906 votos

BE	PAN	PCTP/MRPP
6,71%	2,73%	1,73%
2.302 votos	937 votos	593 votos

CDS-PP	PNR
1,60%	1,14%
550 votos	392 votos

EM BRANCO	NULOS
2,08%	1,78%
714 votos	611 votos

Votantes
49,97%

34.295 votantes
68.628 inscritos

CANDIDATOS



PS
Frederico Rosa



CDU
Carlos Humberto



PSD
Bruno Vitorino



BE
Daniel Bernardino



PAN
Maria de Lurdes Santos



CDS-PP
Hélder Leal Rodrigues



CHEGA
Marta Trindade



LIVRE
Jorge Martinho

Crescimento de Frederico Rosa e o regresso de Carlos Humberto

AS ELEIÇÕES DE 2017 NO BARREIRO resultaram numa das maiores surpresas eleitorais, com a queda, pela segunda vez desde a instalação do poder local, de um dos maiores bastiões do PCP do país. O obreiro dessa façanha foi o atual presidente socialista Frederico Rosa, que galgou a janela deixada aberta com a saída do anterior presidente da CDU, Carlos Humberto, impedido de ir a votos por limitação de mandatos.

O PS empatou em mandatos, quatro, mas venceu a disputa eleitoral por 1.462 votos expressos, garantindo assim a liderança do município. Obrigando-se a gerir o concelho com algum

apoio do vereador do PSD, Bruno Vitorino, que representa a terceira força política do concelho.

Nestas autárquicas, a CDU quer recuperar a câmara e fez regressar às lides políticas e à luta pela reconquista do município Carlos Humberto, que nas últimas eleições que disputou, em 2013, atingiu maioria absoluta e uma grande diferença de votos para os socialistas.

Frederico Rosa parte da frente e procura reforçar a votação de há quatro anos, cujo resultado amealhou para a candidatura socialista quase mais quatro mil votos relativamente às autárquicas de 2013.

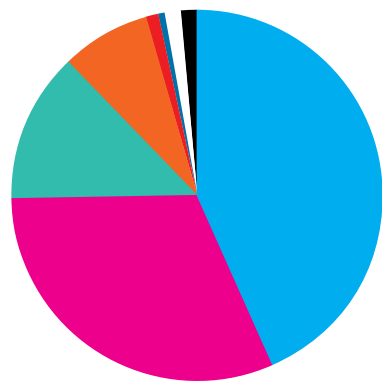
Em 2017 a CDU foi mesmo a única perdedora, já que tanto o PSD como o Bloco de Esquerda também cresceram em número de votos expressos, com destaque para os social-democratas que conquistaram mais cerca de mil votos comparando com 2013. O BE subiu menos, cerca de 400 votos.

Nestas eleições poderá fazer-se sentir uma maior dispersão de votos, embora seja crível algum voto útil no PS. E há partidos novos a concorrer como as candidaturas do Chega e do Livre.

Em 2017 votaram no Barreiro 34.295 dos 68.628 eleitores inscritos, 49,97%, sendo que se registaram 714 votos em branco e 611 votos nulos. ■

GRÂNDOLA

RESULTADOS 2017



4	2	1
PCP - PEV	PS	GM
43,48%	31,45%	12,97%
3.275 votos	2.369 votos	977 votos

PPD/PSD	BE	PNR
7,81%	1,21%	0,46%
588 VOTOS	91 VOTOS	35 VOTOS

EM BRANCO	NULOS
1,42%	1,19%
107 VOTOS	90 VOTOS

Votantes
61,91%

7.532 votantes
12.167 inscritos

CANDIDATOS



CDU
António Figueira Mendes



PS
António Candeias



PPD/PSD
Jacinto Ventura



CHEGA
Orlando Silva

Figueira Mendes à procura de reeleição com maioria

O COMUNISTA António Figueira Mendes é o mais provável candidato à vitória nas autárquicas no concelho de Grândola, esperando-se desse modo que renove o triunfo obtido no escrutínio de 2017. A grande questão que se levanta desta feita é saber se conseguirá, como há quatro anos, ser eleito com maioria ou, ao contrário, terá nos socialistas o principal entrave a uma governação sem necessidade de coligações.

A julgar pelos dados disponibilizados, os concorrentes a estas eleições serão muito diferentes dos que se apresentaram a escrutínio há quatro anos. Tudo porque a terceira força então mais votada, de-

nominada GM, que então, mercê dos 977 eleitores que em si confiaram (num total de 12,97 por cento) não surge desta feita nos boletins. Trata-se, pois, de um número significativo de eleitores que, a votar em massa num dos principais partidos, pode ter influência decisiva nos resultados finais.

Em 2017 o PCP-PEV obteve 3.275 votos, correspondentes a 43,48 por cento do resultado final e a quatro mandatos. No segundo lugar ficou o PS, com dois mandatos resultantes de 2.369 votos os quais corresponderam a 31,45 por cento do total. Sem o GM na corrida, o PSD, que antes fora apenas o quarto classificado, pode

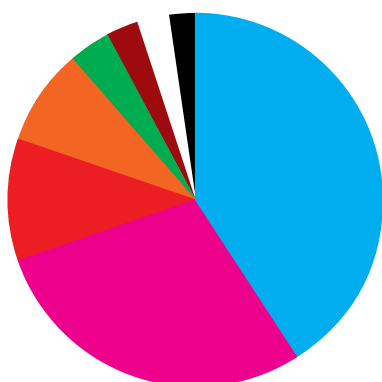
aspirar agora a melhorar a percentagem de 7,85 por cento (588 eleitores) e, eventualmente, conquistar um mandato.

António Figueira Mendes é novamente a cabeça de lista do elenco comunista, ao passo que os socialistas se apresentam com António Candeias à cabeça, sendo Jacinto Ventura o candidato do PSD. O Chega também vai concorrer à liderança da autarquia, com Orlando Silva.

Em Grândola, há quatro anos, registou-se uma das mais altas votações do país. Ao todo foram às urnas 61,9 por cento dos eleitores inscritos. Votaram, portanto, 7.532 pessoas de um total de 12.167 que estavam habilitados a fazê-lo. ■

MOITA

RESULTADOS 2017



4	3	1
PCP - PEV	PS	BE
41,04%	28,96%	10,35%
10.173 votos	7.178 votos	2.565 votos

1	PAN	PCTP/MRPP
PPD/PSD. CDS-PP.MPT	3,59%	2,69%
8,45%	890 votos	667 votos
2.095 votos		

EM BRANCO	NULOS
2,62%	2,31%
649 votos	573 votos

Votantes
42,76%

24.790 votantes
57.977 inscritos

CANDIDATOS



CDU
Rui Garcia



PS
Carlos Albino



BE
Joaquim Raminhos



PPD/PSD. CDS-PP
Luis Nascimento



PAN
Helder Silva



CHEGA
Ivo Pedação

PS corre atrás de uma CDU em busca do quinto eleito

O CONCELHO DA MOITA é, no distrito de Setúbal, um dos que maiores dúvidas levanta em relação ao resultado final. Com nove autarcas para eleger, os comunistas, que estão no poder e que ali têm uma tradicional forte falange de apoiantes, aspiram a passar dos quatro para os cinco eleitos, o que lhes permitirá não terem necessidade de efetuarem qualquer aliança depois das eleições para fazerem passar as suas propostas. Mas os socialistas, que apenas tiveram menos um eleito em 2017, também parecem apostados em melhorar o resultado do último desempenho e, certamente, não terão dúvidas em coligar-se com outros partidos para evitar uma possível maioria decisiva comunista.

Rui Garcia, o presidente em funções, é novamente o grande candidato a governar os destinos do concelho. Em 2017 o seu partido obteve 10.173 votos, correspondentes a 41,04 por cento do total apurado, deixando os socialistas com 28,96 por cento (correspondentes a 7.178 votos) que, apesar da diferença percentual, representou apenas menos um mandato. Liderado por Carlos Albino, o PS desejará, no mínimo, igualar o desempenho das últimas autárquicas.

Renhida e igualmente importante, será a discussão entre Bloco de Esquerda e a coligação que junta PSD, CDS e Merece-mos Mais. Os primeiros, sob a égide de Joaquim Rainhos, vão tentar manter a distância de menos de 500 votos em relação

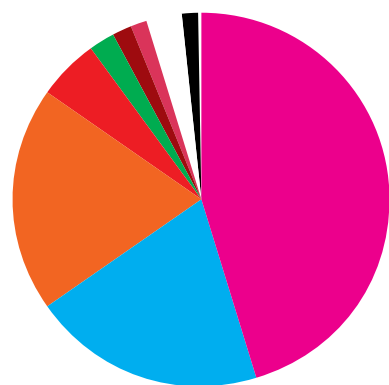
aos segundos, que desta feita apresentam Luís Nascimento como cabeça de lista. A diferença entre os dois grupos, cada um deles com um eleito em 2017, é curta e tal poderá ser decisivo para futuras coligações com quem vier a ganhar as eleições.

Num patamar inferior, ficaram em 2017 o PAN e o PCTP/MRPP. Os primeiros apresentam-se a sufrágio sob a liderança de Helder Silva, os segundos parecem ter desaparecido do mapa eleitoral (onde votarão os anteriores 667 seguidores?). Curiosidade ainda para ver qual o desempenho do Chega, de Ivo Pedação.

Em 2017 o concelho da Moita registou 24.790 votantes entre 57.977 inscritos, o que correspondeu a uma votação de 42,76 por cento. ■

MONTIJO

RESULTADOS 2017



4	2	1
PS	PCP-PEV	PPD/PSD.
45,42%	20,11%	CDS-PP
8.591 votos	3.803 votos	19,44 %
		3.676 votos

BE	PAN	PCTP/MRPP
5,08%	2,43%	1,64%
960 votos	460 votos	310 votos

PTP
1,40%
265 votos

EM BRANCO	NULOS
2,91%	1,58%
550 votos	298 votos

Votantes
44,24%

18.913 votantes
42.752 inscritos

CANDIDATOS



PS

Nuno
Canta

CDU

Ana
BalizaPPD/PSD.
CDS-PP/
ALIANÇA
João
Afonso

BE

Ricardo
Caçoila

PAN

Miguel
Dias

IL

João
Pereira

CHEGA

Ricardo
Costa

PPM

Manuel
Fona Vieira

Dispersão de votos poderá ameaçar a maioria socialista?

O **CONCELHO DO MONTIJO** é um dos mais apetecidos da margem Sul do Tejo, assim o atestam os oito candidatos de diferentes partidos ou coligações que, este ano, se apresentam para tentarem destronar o socialista Nuno Canta.

Embalado por uma maioria que, nas últimas autárquicas lhe valeram quatro dos sete eleitos para a câmara municipal, Nuno Canta tem legítimas aspirações para manter a maioria. É que, se corre o risco de ser contestado devido a alguns pontos quentes do mandato que agora termina, como seja a decisão sobre a instalação do futuro aeroporto complementar de Lisboa, o atual presidente do município também tem a seu

favor uma eventual dispersão de votos entre os opositores: nada mais nada menos do que sete e, a julgar pelas intenções manifestadas em campanha, todos eles com aspirações a elegerem, pelo menos, um elemento.

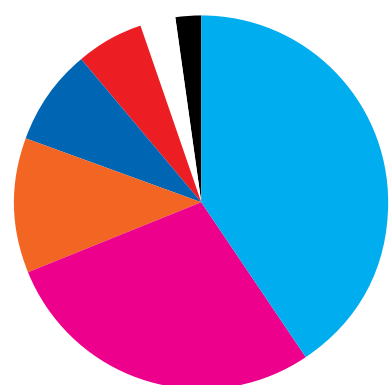
Ana Baliza, da CDU, perfila-se como a principal opositora de Nuno Canta, pelo menos foi esse o indicador transmitido após as eleições de 2017, quando os comunistas foram os segundos mais votados (20,11 por cento dos eleitores, contra 45,42 dos que preferiram eleger um presidente socialista). Não se pense, contudo, que a predominância dos dois maiores partidos de esquerda retira ambições ao PSD. Este partido, através do seu único eleito (João

Afonso, que reuniu 3.676 votos, o equivalente a 19,44 por cento do total), tem fundadas aspirações a melhorar a sua performance. João Afonso, o autarca irreverente conhecido por intervenções algo caricatas (acampar à porta do município foi uma delas) acredita mesmo que pode vir a ser o futuro presidente da câmara. Resta saber que créditos serão depositados nos restantes candidatos, a saber: João Pereira (Iniciativa Liberal), Manuel Fona Vieira (PPM), Miguel Dias (PAN), Ricardo Costa (Chega) e Ricardo Caçoila (BE).

Neste concelho, em 2017, votaram apenas 18.913 dos 42.756 inscritos. Uma percentagem de 44,24. ■

PALMELA

RESULTADOS 2017



4	3	1
PCP - PEV	PS	PPD/PSD.
40,67%	28,31%	CDS-PP
9.397 votos	6.540 votos	11,69%
		2.702 votos

1	BE
8,21%	6,02%
1.896 votos	1.391 votos

EM BRANCO	NULOS
3,00%	2,09%
694 votos	484 votos

Votantes
43,51%

23.104 votantes
53.100 inscritos

CANDIDATOS



CDU

Álvaro
Amaro

PS

Raul
Cristóvão

PPD/PSD

Paulo
Ribeiro

BE

Carlos
Oliveira

MCCP

Carlos
Sousa

NÓS

Anabela
Pessoa

PPM

Ágata
Vieira

MIM/CDS-PP

MPT
José
Calado

CHEGA

Afonso
Brandão

RIR

Mário Rui
Baltazar

Amaro 'seguro', Cristóvão na luta e o regresso de Carlos Sousa

UMA DAS GRANDES INCÓGNITAS destas autárquicas em Palmela passa pelo regresso às lides políticas de Carlos Sousa, que encabeça o Movimento de Cidadãos pelo Concelho de Palmela (MCCP).

Poderá o antigo presidente das câmaras de Palmela e Setúbal, intrrometer-se na disputa pela presidência do município entre Álvaro Amaro, atual líder da autarquia eleito pela CDU, e o seu opositor de há quatro anos, o socialista Raul Cristóvão? É difícil descortinar o efeito eleitoral do novo movimento, mas é verossímil que angariará votos no eleitorado da CDU e do PS.

Em 2017, os socialistas ainda beliscaram a hegemonia da CDU, crescendo cerca de 1500 votos, retirando a confortável

maioria absoluta mantida até então pela coligação PCP/Os Verdes.

O salto do PS foi grande de 2013 para 2017, cifrando-se a diferença eleitoral para a CDU de 4245 votos, há oito anos, para 2857 nas últimas autárquicas. Mas o partido de Álvaro Amaro até subiu a sua votação, ainda que ligeiramente, sobretudo porque o número de votantes subiu de uma para outra eleição, 19.818 para 23.104, respetivamente. Embora Palmela seja um dos concelhos com mais abstenção no distrito.

Mas o maior desgaste adveio do MIM - Movimento Independente pela Mudança, que conquistou mesmo um lugar de vereador e quase chegou aos 1900 votos.

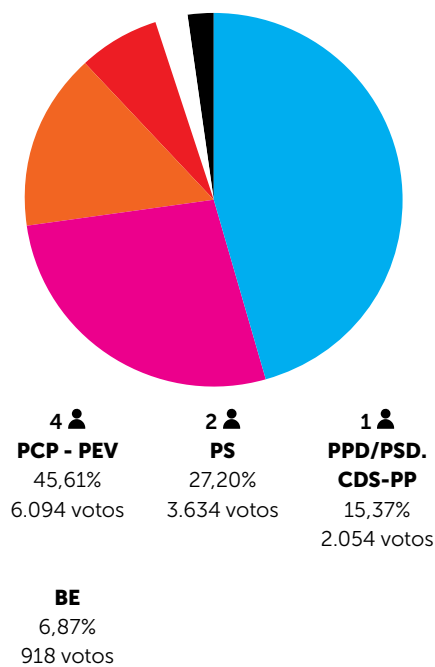
MIM que pretende assegurar o mandato, agora em coligação com o CDS-PP, que ficou de fora da coligação acordada em 2013 e 2017 com o PSD, a terceira força política do concelho, partido que detém um lugar de vereador desde 2013.

Se conseguirem segurar as suas votações, o PSD acima dos 2700 votos e o MIM/CDS-PP, perto dos 2000, Paulo Ribeiro, que é também presidente da distrital laranja, e José Calado, podem cantar vitória.

O BE vale cerca de 1300 votos e nas eleições de 26 de setembro há um conjunto vasto de pequenos partidos a ratear votação, como o Nós, PPM, Chega e RIR. Mais cinco forças que vão a votos relativamente há quatro anos atrás. ■

SANTIAGO DO CACÉM

RESULTADOS 2017



EM BRANCO	NULOS
2,85%	2,10%
381 votos	281 votos

Votantes **54,52%** 13.362 votantes
24.509 inscritos

CANDIDATOS



CDU
Álvaro Beijinha



PS
Artur Ceia



PSD/CDS-PP
Luís Santos



BE
Bruno Candeias



CHEGA
Ruben Rosa

Quem consegue contrariar favoritismo comunista?

CONCELHO DE RAÍZES COMUNISTAS, ainda não deverá ser desta que Santiago do Cacém entrega os seus destinos a outro partido. Álvaro Beijinha, o presidente em exercício, é o mais forte candidato a ocupar o cargo nos próximos quatro anos, deixando para a PS e para a coligação PSD-CDS a discussão pelo segundo lugar.

Em 2017 os comunistas conseguiram um total de 6.094 votos, quase o dobro dos socialistas, que se quedaram pelos 3.634. Para os primeiros a percentagem ascendeu aos 45,61, enquanto que para os segundos se cifrou nos 27,20. O PCP logrou obter quatro mandatos, o dobro dos conseguidos pelo PS que, ainda assim, teve de se preocupar com os 2.054 votos

recolhidos pela coligação entre social-democratas e centristas, aos quais corresponderam 15,37 pontos percentuais e um eleito.

É na disputa do último de sete mandatos, partindo do princípio que a PCP voltará a conseguir os mesmos quatro de 2017, que reside grande parte do interesse da disputa eleitoral em Santiago do Cacém. Se esse posto cair para as mãos dos socialistas, estes poderão considerar um êxito a sua campanha, desta vez liderada por Artur Ceia. Se, por outro lado, o eleito continuar a ser social-democrata, partido coligado com o CDS e que surge sob a liderança de Luís Santos, então tudo permanecerá como antes, a não ser que os comunistas consigam para si o deputado

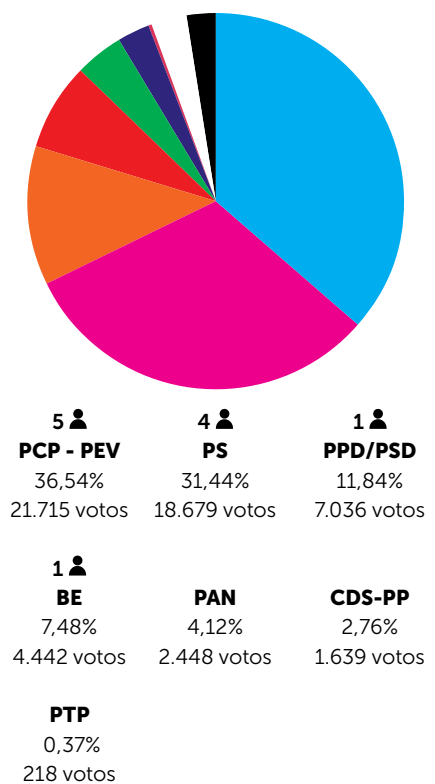
que os adversários tanto disputam. Nesse caso, estaremos em presença de um notável reforço do PCP no concelho.

Há também alguma expectativa relativamente ao desempenho do Bloco de Esquerda, que há quatro anos quase chegou ao milhar de votos (918), perfazendo um total de 6,68 pontos percentuais. Desta feita os destinos do partido serão conduzidos por Bruno Candeias que, nesta corrida a um dos mais populosos concelhos alentejanos, terá ainda como adversário Rúben Rosa, do Chega.

Nas últimas autárquicas votaram 13.362 pessoas no concelho de Santiago do Cacém, concelho que tinha registados 24.509 eleitores. A percentagem foi, portanto, de 54,52. ■

SEIXAL

RESULTADOS 2017



EM BRANCO	NULOS
3,18%	2,28%
1.891 votos	1.353 votos

Votantes **43,28%** 59.421 votantes
137.302 inscritos

CANDIDATOS



CDU
Joaquim Santos



PS
Eduardo Rodrigues



PPD/PSD
Bruno Vasconcelos



BE
Francisco Morais



PAN
António Sota Martins



IL
Rui Magalhães



CHEGA
Henrique Freire

SEIXAL ÀS DIREITAS
Felipe Damasceno

Ambição do PS e confiança da CDU na reconquista da maioria

HÁ MUITO QUE OS SOCIALISTAS do Seixal ambicionam destronar a CDU da liderança do concelho. Nas últimas eleições, em 2017, a candidatura do PS, com Eduardo Rodrigues à cabeça, que volta a ir a votos, subiu mais de seis votos e ficou a três mil da conquista do município, retirando a maioria absoluta de Joaquim Santos. Mas a tarefa é hercúlea, naquele que é o segundo maior concelho do distrito.

Joaquim Santos parte para as eleições de 26 de setembro com o objetivo de recuperar votos e o mandato perdido em 2013, voltando a garantir a maioria. No essencial entre 2013 e 2017, a CDU nem perdeu muitos votos, cifrando-se a perda em 943 sufrágios. Mas a abstenção caiu

quatro pontos percentuais, uma vez que se registaram mais inscritos nos cadernos eleitorais e votaram mais 7.236 eleitores.

As terceira e quarta forças políticas do município, PSD e Bloco de Esquerda, também aumentaram as suas votações nas eleições de há quatro anos atrás: PSD mais 1.425 votos, e o BE mais cerca de mil votos. Ambos os partidos garantiram um mandato de vereador, num executivo que conta com onze lugares atribuídos.

Nos lugares seguintes, nas autárquicas de há quatro anos, o PAN valeu 2.442 votos, e o CDS-PP, que integra nestas eleições a Coligação Seixal às Direitas, com o PDR, Aliança e MPT, conseguiu 1.639 votos. De notar que o candidato desta co-

ligação, Filipe Damasceno, abandonou o partido socialista em 2019.

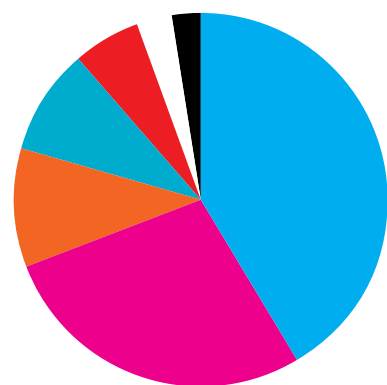
Com os socialistas a gerirem as expectativas de se aproximarem ainda mais da CDU, e acreditando, desta vez, numa reviravolta, a margem entre os dois partidos é ainda assim considerável para se operar uma mudança, tal como aconteceu, em 2017, em Almada, no Barreiro e em Alcochete.

Por sua vez, Joaquim Santos tem-se revelado muito confiante em recuperar a maioria, o que só fará sentido à custa de uma eventual quebra de votação do PS.

Para além da coligação das 'direitas' vão ainda a votos as candidaturas do Chega e da Iniciativa Liberal. ■

SESIMBRA

RESULTADOS 2017



4 PCP - PEV 41,62% 7.964 votos	2 PS 27,71% 5.302 votos	1 PPD/PSD. CDS-PP 10,17% 1.947 votos
MSU 9,31% 1.782 votos	BE 5,69% 1.089 votos	

EM BRANCO 3,03% 580 votos	NULOS 2,47% 472 votos
--	------------------------------------

Votantes 44,48% 19.136 votantes
43.021 inscritos

CANDIDATOS



CDU
Francisco Jesus



PS
Nelson Pólvora



PPD/PSD
Francisco Luís



BE
António Marques



SESIMBRA PRIMEIRO
José Carlos Soares



CHEGA
Márcio Sousa



SESIMBRA UNIDA
Hélder Gaboleiro

Seis no assalto à maioria CDU e de Francisco Jesus

TUDO APONTA PARA QUE A CDU, através de Francisco Jesus, mantenha a liderança na Câmara Municipal de Sesimbra. Tudo aponta para que o PS, através de Nelson Pólvora, seja o principal opositor dos comunistas num município onde, em 2017, apenas 44,48 por cento dos inscritos foram às urnas.

A CDU apresenta um candidato habituado a ganhar em Sesimbra a apostado em reforçar a maioria que, em 2017, se cifrou nos 41,62 por cento. Sesimbra é, de resto, um dos principais bastiões comunistas do distrito, com uma força eleitoral que duplica a do segundo partido mais votado, o PS, com 27,71 por cento nas últimas autárquicas e onde, num total de sete

eleitos, quatro lhe pertencem. Tem, portanto, maioria absoluta.

Tão importante quanto verificar se os socialistas possuem capacidade para retirar a maioria absoluta aos comunistas, é tentar compreender qual será o desempenho do social-democrata Francisco Luís, cujo partido (em coligação com CDS) logrou apenas 10,17 por cento dos votos em 2017. Na prática, foram apenas menos de 200 votos de vantagem em relação ao Movimento Sesimbra Unida, que desta feita se vai apresentar às urnas com Hélder Gaboleiro à cabeça.

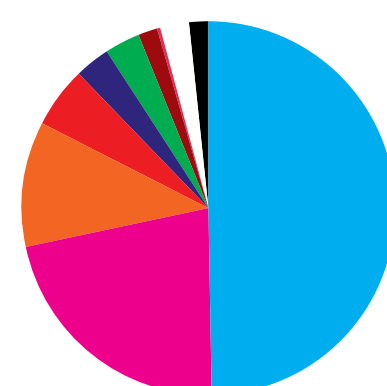
Retirar a maioria absoluta à CDU seria, para a oposição, uma espécie de vitória num concelho que, por tradição, mais do que à esquerda, vota CDU.

Há ainda especial curiosidade em ver como se vai sair desta eleição o Bloco de Esquerda, que se apresenta com António Marques como cabeça de lista disposto a melhorar a percentagem de 5,69 obtida há quatro anos. Interesse que se estende ao desempenho de José Carlos Soares, cabeça de lista da Coligação Sesimbra Primeiro, e a Márcio Sousa do Chega.

As diferenças que separaram as quarta e quinta forças mais votadas da terceira (o PSD, que só conseguiu um deputado) podem vir ser esbatidas ou acentuadas caso os números da abstenção sejam desta feita inferiores em relação à última votação, onde apenas compareceram 19.136 dos 43.021 cidadãos inscritos. ■

SETÚBAL

RESULTADOS 2017



7 PCP - PEV 49,95% 22.429 votos	3 PS 21,78% 9.777 votos	1 PPD/PSD 10,94% 4.910 votos
BE 5,24% 2.354 votos	CDS-PP 3,20% 1.437 votos	PAN 2,86% 1.286 votos
PCTP/MRPP 1,78% 801 votos	PTP 0,26% 115 votos	

EM BRANCO 2,45% 1.099 votos	NULOS 1,54% 692 votos
--	------------------------------------

Votantes 43,07% 44.900 votantes
104.237 inscritos

CANDIDATOS



CDU
André Martins



PS
Fernando José



PPD/PSD
Fernando Negrão



BE
Fernando Pinho



CDS-PP
Pedro Conceição



PAN
Paula Costa



IL
Carlos Cardoso



AMAR SETÚBAL
Fidélio Guerreiro



CHEGA
Luís Maurício



RIR/PDR
Carina de Deus

A tarefa maior de André Martins, com socialistas à espreita

O CANDIDATO DA CDU, André Martins, tem nestas eleições a difícil missão de segurar o capital político e eleitoral deixado pela presidente Maria das Dores Meira. Parte na frente, até porque há a considerar uma diferença para o PS superior a doze mil votos.

Esta larga distância entre os dois partidos acentuou-se desde 2013, autárquicas em que os socialistas chegaram aos quatro mandatos, contra seis da CDU, registando-se, atualmente, como resultado das últimas eleições mais um mandato, sete para a CDU, e menos um para o PS, agora com três vereadores eleitos.

Mas a capital de distrito, agora com a saída da carismática Dores Meira, está na mira dos socialistas que almejam regressar

à liderança, depois do largo ciclo de poder de Manuel da Mata de Cáceres.

É uma eleição a acompanhar com muita atenção, na expectativa do que André Martins conseguirá manter e que crescimento poderá vislumbrar o candidato socialista, o deputado Fernando José, que é acompanhado para a assembleia-municipal da peso-pesado do partido Ana Catarina Mendes, que se tem envolvido, e muito, na campanha eleitoral.

Os social-democratas, que contam com um lugar na vereação, perderam votos de 2013 para 2017, e voltam a apostar forte, com a segunda candidatura de Fernando Negrão, e sem estarem coligados com o CDS-PP, que apresenta Pedro Conceição, que pro-

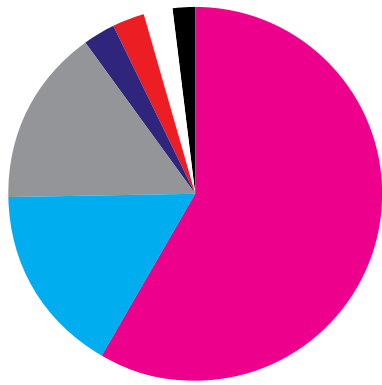
mete retirar votos aos social-democratas.

Na cauda das candidaturas, uma dezena, Fidélio Guerreiro, pelo Movimento Amar Setúbal, e Carlos Cardoso, pela Iniciativa Liberal, são dois setubalenses muito conhecidos. E há ainda a candidatura de Fernando Pinho, pelo Bloco de Esquerda, que em 2017 somou mais de dois mil votos. Fecha o PAN, e as estreias do Chega e do RIR.

Com mais de cem mil inscritos nos cadernos eleitorais, votaram em 2017 44.900 eleitores, havendo uma grande incógnita se se registará este domingo mais ou menos abstenção, seja pelo facto de Dores Meira não ser candidata, ou, ao contrário, pelo aparecimento de novas forças eleitorais. ■

SINES

RESULTADOS 2017



5	1	1
PS	PCP -PEV	SIM
58,59%	16,39%	15,26%
3.739 votos	1.046 votos	974 votos

CDS-PP.	BE
MPT.PPM	2,63%
2,73%	168 votos
174 votos	

EM BRANCO	NULOS
2,62%	1,79%
167 votos	114 votos

Votantes
52,43%

6.382 votantes
12.172 inscritos

CANDIDATOS



PS
Nuno Mascarenhas



CDU
Jaime Cáceres



PSD/CDS-PP
Nuno da Câmara Pereira



MAISines
António Braz



CHEGA
Jorge Maia

A quase utópica tarefa de retirar a maioria ao PS

SINES É O MAIS EXTENSO CONCELHO do distrito de Setúbal, um dos mais ricos, devido à atividade desenvolvida no porto de mar e, também, uma espécie de praça-forte do elenco socialista, que ali detém cinco dos sete mandatos existentes.

Destronar o atual presidente, Nuno Mascarenhas, parece uma tarefa hercúlea para a oposição, tanto mais que a composição das listas dos atuais opositores são agora bem diferentes daquelas que se apresentaram a sufrágio há quatro anos. O Movimento MAISines, que antes obtivera um terceiro lugar, com 15,26 por cento das preferências, e apenas a 72 votos da


coligação mais votada, o PCP-PEV (16,39 por cento e 1046 eleitores) depara-se desta feita com a candidatura de Nuno da Câmara Pereira, que agora lidera uma lista onde PSD e CDS são aliados.

A julgar pelas preferências dos eleitores em 2017, não deverá ser difícil aos socialistas revalidarem a liderança num concelho que, desta feita, atrai cinco potenciais candidatos à presidência. O PS, por intermédio de Nuno Mascarenhas, tem a almofada anterior de 58,59 por cento das escolhas, a que corresponderam cinco mandatos. Uma distância imensa para os comunistas, desta vez liderados

por Jaime Cáceres, que apenas lograram atingir os 16,39 pontos percentuais nas últimas autárquicas.

Nuno da Câmara Pereira, em representação da coligação CDS (o seu partido) e PSD, Jorge Maia, do Chega, e António Braz, do Movimento MAISines, deverão discutir entre si, na melhor das hipóteses, um dos sete mandatos existentes.

Há quatro anos votaram neste concelho alentejano 6.382 pessoas, num total de 12.172 que estavam habilitadas para o fazer. Uma percentagem de 52,43 por cento e que foi superior à maioria dos municípios do país. ■



ELEIÇÕES 2021
AUTÁRQUICAS
26 DE SETEMBRO

DIGITAL

sem mais

Faça a escolha certa e mantenha-se atualizado ao minuto no dia das eleições.

DIRETOS COMENTÁRIOS RESULTADOS

TUDO EM
semmais.pt

/jornalsemmas

7.ª FESTA DA ILUSTRAÇÃO VOLTA A COLORIR SETÚBAL

‘Traços’ nacionais e internacionais à mostra



O melhor da ilustração, a nível nacional e internacional, é a pedra de toque de mais uma edição do evento que, organizado pelo município, decorre entre os meses de outubro e novembro.

TEXTO ANTÓNIO LUÍS IMAGEM DR

MAIS DE UMA DEZENA de exposições, workshops, música e cinema compõem a programação da 7.ª Festa da Ilustração, que decorre em outubro e novembro em vários espaços da cidade de Setúbal para divulgar o que de melhor se faz na área.

“Na programação deste ano podem surgir surpresas, porque não sabemos o que vai acontecer relativamente à pandemia”, alerta José Teófilo Duarte, curador da festa, que tem como convidada especial Marta Madureira, a artista com uma

vasta obra de desenho criados com várias técnicas, para ver na Casa da Cultura. A nível internacional, o convidado é o canadiano Pierre Pratt.

José Teófilo Duarte, que deposita “boas expectativas” na edição deste ano, adiantou ao Semmais que a intenção do evento é “revelar trabalhos em primeira mão” e “esbater a fronteira entre a grande arte e as criações mais quotidianas”. E como novidade, destaca a homenagem a Vasco de Castro, ilustrador recentemente

falecido, com a mostra “Preto no Branco”, no Museu Michel Giacometti.

O vereador com a pasta da Cultura, Pedro Pina, não tem dúvidas de que a Festa da Ilustração tem vindo a melhorar de edição para edição, apesar de 2020 ter sido “um ano difícil” por causa da crise pandémica. “Mesmo em tempos difíceis, como este ano, este importante evento, tem contribuído para consolidar a afirmação cultural de Setúbal”, afirma.

JOSÉ BRANDÃO PÕE À MOSTRA ARTE EM CAPAS DE DISCOS

“Desenhos em Cena”, com ilustrações de Lauro António, “Perdidos e Achados”, de Yara Kono e Maria Remédio, e “Ir e vir e voltar com os livros”, são algumas das muitas exposições para apreciar durante a iniciativa, que conta ainda com José Brandão a apresentar na Casa d’Avenida uma mostra de trabalhos relacionados com capas de discos da sua autoria.

No que diz respeito à música, vão passar pela festa as bandas Suave e Myn-da Guerra, ambos com espetáculos gratuitos, e atuar o DJ Monchique na Feira da Festa, que irá decorrer ao longo de dois dias, na Gráfica - Centro de Criação Artística. Profissionais da área do design vão revelar e mostrar os bastidores da ilustração.

O cinema estará representado, na Gráfica, com sessões de animação, numa extensão do Festival Indie Lisboa, enquanto a Casa do Largo será palco das Oficinas da Ilustração, com Sofia Lobato e Paula Moita. Para a Casa da Cultura está agendada uma atividade de ilustração para a infância. ■

Companhias do Seixal e de Setúbal com novas produções

TEXTO ANTÓNIO LUÍS IMAGEM DR

“**A PULGA ATRÁS DA ORELHA**” e “Cruz de Giz” são as novas peças que o Teatro da Terra (Seixal) e o Teatro Animação de Setúbal decidiram colocar em cena. A primeira é uma comédia e a segunda um texto para refletir sobre os perigos da sociedade.

O Teatro da Terra aposta numa produção de Georges Feydeau, com encenação de Maria João Luís. Esta comédia é interpretada por Hélder Agapito, Maria João Luís, Miguel Sopas, Paulo Duarte Ribeiro, Sérgio Gomes, Sílvia Figueiredo, Tobias Monteiro, Vitor Oliveira, Filipe Gomes, Manuel Janeiro e Rita Araújo. O espetáculo estreou dia 16, no Forum Cultural do Seixal, onde permanece até amanhã.

Por sua vez, o Teatro Animação de Setúbal (TAS) vai estrear a 8 de outubro, com repetição a 9 e 10, na Gráfica - Centro de Criação Artística, uma peça Bertolt Brecht, com encenação de Duarte Victor e repre-

sentação de Rita Ferraz, José Lobo, Susana Dagaf, Célia David, Miguel Assis, Duarte Victor e Filipe Duarte.

Maria João Luís orgulha-se de ver a sala “completamente esgotada”, nas representações já levadas à cena. “A Pulga Atrás da Orelha” é uma peça cômica. Feydeau retira a moral às personagens. Elas não se interrogam e isso é muito engraçado”, explica a encenadora.

Já o encenador Duarte Victor realça que “Cruz de Giz” é um texto de “um grande autor universal e importante no teatro no século XX”. “Numa sociedade em que vivemos grande instabilidade, não só pela pandemia, mas também pelo consumismo, egocentrismo, onde a solidariedade nem sempre é apanágio, faz todo o sentido trazer à baila textos de Brecht, porque ele questiona a humanidade”, sublinha, acrescentando, por outro lado, que “estamos a viver a escalada de uma extrema



direita organizada, a nível internacional, que se vai aproveitando das dificuldades das pessoas e que constitui perigo para a sociedade. Brecht fala do 3.º Reich nesta peça e o teatro pretende trazer a esperança e propor uma reflexão sobre a nossa vida. É preciso respeitarmo-nos uns aos outros e pensarmos que não somos mais que ninguém”, afirma. ■

Agenda



“VAI VEM”

O Litoral EmCena leva à cena a peça “Vai Vem”, do GATO SA, no auditório Alda Guerreiro. O enredo, deste teatro físico, é passado num naufrágio em alto mar e é interpretado por cinco atores.

Vila Nova de Santo André
24 de setembro, às 21h30



RICK ESTRIN & THE NIGHTCATS

No âmbito da 10.ª edição do BB Blues Fest, atuam no palco do recinto do mercado mensal, em estreia absoluta em Portugal, Rick Estrin & The Nightcats. Seguem-se, os The Black Mamba, num concerto muito aguardado.

Moita

25 de setembro, às 21h30



GNR

O auditório Augusto Cabrita é palco do concerto dos GNR, liderados por Rui Reininho. A celebrar 40 anos de carreira, construída por canções de sucesso, o grupo vai relembrar clássicos como “Dunas”, “Efetivamente” ou “Pronúncia do Norte”.

Barreiro

25 de setembro, às 21h00



“MATA”

Depois de ter estreado em Setúbal, o Joaquim D’Almeida acolhe a peça “Mata”, uma coprodução da Companhia Mascarenhas Martins e do Teatro Estúdio Fontenova, que promete emocionar com uma representação de cortar a respiração.

Montijo

25 de setembro, às 21h30

É DA AMORA O SEGUNDO MAIOR CLUBE NACIONAL DE CANOAGEM

“Paitrocínio” sustenta êxito de remadores

Com 150 praticantes, alguns dos quais já internacionais e com títulos mundiais, o clube da Amora é a principal referência da modalidade abaixo do Cávado. Baía do Seixal é excelente, mas está assoreada.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR

O **CLUBE DE CANOAGEM** da Amora é, em termos de classificações oficiais estabelecidas pelas respetivas federações, o mais representativo entre todos os que existem no distrito de Setúbal no conjunto de todas as modalidades desportivas. É, também, o segundo a nível nacional na canoagem. Ao fim de 18 anos de existência os seus atletas entram na água para discutir títulos nacionais e internacionais, sempre com o patrocínio da câmara do Seixal e junta de freguesia local e, sobretudo, dos pais dos atletas: o chamado “Paitrocínio”.

“Temos 150 atletas a competir nas categorias de cadetes, juniores e seniores. O clube dá transporte aos atletas e para o material em distâncias até 100 quilómetros. Esse transporte é

feito em duas carrinhas, cada uma com nove lugares. É óbvio que, não fossem os pais dos atletas, a maior parte não conseguiria competir. É, pois, o ‘paitrocínio’, explica ao Semmais o presidente do Clube de Canoagem da Amora, João Paulo Duarte.

O dirigente da coletividade acrescenta ainda que existem algumas verbas próprias, provenientes do que os atletas pagam e das quotas de alguns sócios, montante esse “irrisório” e que não daria para suportar nenhuma das atividades, pelo que assume aqui especial importância os contributos de “alguns patrocinadores e, sobretudo, da câmara do Seixal e da Junta de Freguesia da Amora”.

Com diversos atletas internacionais e alguns já com títulos

mundiais conquistados, como é o caso de João Casinhas (que esteve em destaque na última edição do Semmais), o Clube de Canoagem da Amora, onde trabalham “por amor à camisola” oito treinadores é, também, e de acordo com João Paulo Duarte, um garante para a comunidade jovem do concelho. “Não fosse a prática desportiva e, possivelmente, alguns dos atletas que agora temos estariam sem rumo”, diz.

“Aqui o crescimento é contínuo. Vamos evoluindo tirando partido das boas condições naturais oferecidas pela Baía do Seixal. No entanto, tudo poderia ser ainda melhor, caso não existisse, por exemplo, o assoreamento, que nos impede, em determinadas horas, de entrar dentro de água”, explica o dirigente.



João Paulo Duarte salienta, contudo, que o empenho do município tem sido evidente e que em breve, depois de concluídas as obras do novo centro náutico do concelho, tanto o Clube de Canoagem da Amora como a Associação Naval Amorense (o outro clube da freguesia), outras condições poderão ser dadas aos praticantes. “Passaremos a estar mais próximos da água e, com isso, rentabilizar o tempo. No entanto, o que seria verdadeiramente importante, era que existisse um projeto municipal para atividades náuticas. Seriam determinantes a construção de infraestruturas e a aquisição do material necessário para manter tantos atletas em atividade e dar outra expressão aos clubes e à

Clube de Canoagem da Amora foi fundado há 18 anos

modalidade”, refere.

Após referir que abaixo do rio Cávado o Clube de Canoagem da Amora é o mais importante do país, João Paulo Duarte entende, também, que será possível igualar os feitos do Clube Náutico de Ponte de Lima, a maior referência nacional da modalidade. “Os resultados que já obtivemos são muito importantes, mas atendendo às condições naturais e ao interesse que a canoagem desperta na região, poderemos melhorar ainda mais”, acrescentou o dirigente da coletividade formada em 2003 por cinco atletas que então se dedicavam ao caiaque polo. ■

PUBLICIDADE

VIVA A SUA CARREIRA DE UMA

FORMA Diferente

JUNTE-SE A NÓS!

ALCOCHETE SETÚBAL
MONTIJO COLLECTION

GRUPO LOUNGE
SETÚBAL | ALCOCHETE | MONTIJO

recrutamento.grupolounge@remax.pt
966 196 297

Imagem: Sociedade de Mediação Imobiliária, Lda - 49110234

EDITORIAL
RAUL TAVARES
DIRETOR

A luta maior pela hegemonia política da região

HÁ UMA GRANDE POLÊMICA nestas autárquicas que não lembra a ninguém e só se justifica pela mentalidade ainda a raiair o tacanho da nossa classe política.

Uma das grandes incógnitas das eleições do próximo domingo é como ficará a relação de forças na região entre a CDU e o PS, já que há quatro anos, os socialistas não só ganharam três novas câmaras, Almada, Barreiro e Alcochete, como empreenderam grande recuperação em concelhos como Moita, Seixal e Palmela.

Os números são mais ou menos claros. Enquanto a CDU no conjunto dos treze municípios do distrito, perdeu 2.159 votos, os socialistas aumentaram votos em toda a linha de 2013 para 2017, conquistando mais 26.149 votos. E, com estes resultados, aproximaram mesmo o número de mandatos de 36 para 42, contra as perdas da CDU de 56 para 49.

Para além das disputas concelho a concelho é esta a luta maior, com os socialistas a reivindicarem, pela primeira vez, uma maior força autárquica na região, o que seria um grande feito da atual direção distrital do PS.

Como força política hegemónica no distrito, no que toca ao poder local, a CDU tem sofrido algumas perdas em função de impedimentos legais de presidentes de câmara em se recandidatarem. Não é desgaste, e isso prova a estabilidade no número de votantes na coligação PCP/Os Verdes. Os socialistas, por sua vez, não raramente, perdem o seu ciclo autárquico a meio do caminho. Já aconteceu em Alcochete, no Barreiro e em Sesimbra.

Sem grandes chances de beliscar poderes, os social-democratas também relevam alguma persistência, mantendo, de forma constante, a sua massa eleitoral, à volta dos 25 mil eleitores. Não se sabe se fiéis, mas certamente oriundos de um grupo mais volátil que gravita neste espectro partidário. O mesmo se passa com o BE, embora registre mais votantes entre 2013 e 2017, num rácio de mais quatro mil votos obtidos.

Nestas eleições há, contudo, uma certeza e uma dúvida. Em primeiro lugar, os movimentos de cidadãos, que mesmo com as dificuldades legais trazidas pelo sistema político tradicional, não desarmam; e saber o que vale este epifenómeno do Chega.

Mas o mais importante é votar, em consciência, fazendo baixar a vergonha da abstenção, não deixando que uns poucos decidam por todos nós. ■

À PARTE
LEVI MARTINS
DIRETOR DA COMPANHIA
MASCARENHAS-MARTINS

MATA. Era para estar em cena no Cinema-Teatro Joaquim d'Almeida este fim-de-semana. Infelizmente, devido a um pequeno acidente na última sessão em Setúbal, um dos elementos do elenco foi obrigado a parar. Estas apresentações devem ser reagendadas para 2022, assim que soubermos em que datas, avisamos. A estreia, prevista para Agosto no Festival Internacional de Teatro de Setúbal, também não aconteceu devido ao isolamento profilático de um dos actores. É uma forma de nos lembrarmos de que há factores que não conseguimos controlar.

Nó. A nossa ida ao Fórum Municipal Luísa Todi com um espectáculo, que não era este, estava prevista para Abril de 2021. Depois de sucessivos reagendamentos, fixou-se a data de 7 de Outubro, uma quinta-feira. Quase seis meses depois da estreia, voltaremos à subcave da FALCS [Faculdade de Artes, Letras e Ciências Sociais] para acompanhar um segmento de vida de três amigos que se debatem com as dúvidas inerentes ao momento decisivo em que se encontram: prestes a terminar os estudos e a enfrentar a incerteza do mundo lá fora.

EUGÉNIO FONSECA
PRESIDENTE
DA CONFEDERAÇÃO
PORTUGUESA DO
VOLUNTARIADO

ESCREVO A PROPÓSITO da partida deste mundo, há 4 anos, completados no passado dia 24, do Bispo Manuel Martins. Há seres humanos que não deveriam morrer. Não por eles, mas por nós. Contrariamente ao que é vulgar dizer-se, são mesmo insubstituíveis. A propósito, evoco também a memória de um outro que nos deixou no passado dia 2 de setembro. O país não deu por isso, tal era a sua modéstia. Foi o meu antecessor na presidência da Cáritas Portuguesa. Um dos mais íntegros portugueses e, como católico, foi um militante que sempre dignificou a Igreja Católica. Por reconhecer a grandeza ética e intelectual de Acácio Catarino resisti, durante dois anos, a substituí-lo. Diz-se que esteve na Cáritas Portuguesa 17 anos. Não é verdade; pelo menos esteve 38, porque fiz questão de lhe pedir que continuasse a colaboração de que eu precisava, e muito profícua me foi, até eu também cessar funções.

Esta referência não é um inciso despropositado, pois o Bispo Manuel Martins e Acácio Catarino estimavam-se mutuamente, não só por terem cooperado um com um outro, mas por terem o mesmo

Ponto de situação

Concertos no Salão. A 11 de Setembro teve início o ciclo de concertos que, ao longo da temporada, vamos apresentar no salão da Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro. Foi com um recital de Pedro Caldeira Cabral (acompanhado por Duncan Fox) que se inaugurou esta linha de programação que tem como objectivo trazer música portuguesa ao Montijo com regularidade. Para além de queremos contribuir para aumentar a oferta cultural local, interessa-nos dar exemplos de diferentes formas de utilização de espaços como o salão da 1.º de Dezembro, que pela sua relação histórica com a música, tem condições para se tornar um espaço de programação a ter em conta. O próximo é a 9 de Outubro, com Ciclo Preparatório, conjunto que se descreve como "grupo coral pop especial rural-chique delicioso". E depois, a 13 de Novembro, recebemos o projecto Cardo-Roxo.

Clube de Teatro. Há anos que a Maria Mascarenhas e o João Jacinto dão aulas de iniciação ao teatro em diferentes contextos no Montijo. Nunca tinha sido possível, porém, que esta formação surgisse de forma autónoma enquanto projecto da Mascarenhas-Martins, o que nesta nova temporada se alterou com

a disponibilização de um espaço no interior do Cinema-Teatro Joaquim d'Almeida por parte da Câmara Municipal do Montijo. O Clube de Teatro vai para lá das aulas de representação, uma vez que a ideia é proporcionar aos participantes (a partir dos 6 anos) o contacto com as várias profissões ligadas ao teatro, prevendo-se visitas aos bastidores, idas a espectáculos mas também, claro, aulas dedicadas às ferramentas dos intérpretes: voz, corpo, imaginação. As inscrições estão abertas e o Clube terá início em Outubro.

Aqui p'ra dentro. Pela primeira vez, vamos apresentar uma exposição performativa na Galeria Municipal do Montijo, em torno de vários textos do Miguel Branco. Entre 16 de Outubro e 20 de Novembro. A proposta é que os visitantes-espectadores tenham oportunidade de contactar com o caos do autor, seja durante a semana, em que vai ser possível sentarem-se a ler as suas peças ou escutar a gravação de um texto inspirado numa imagem (que pode ser contemplada em simultâneo), ou às sextas à noite e sábados à tarde, em que haverá apresentações ao vivo de dois textos: "Lama ressequida com marcas de carros" e "O golfinho André". ■

Manuel Martins, um precursor da Sinodalidade

ideal de Igreja que tinha o seu eixo num modelo que foi consolidado, teoricamente, pelo Concílio Vaticano II, onde todos os membros se sentissem como um só povo, cada um com a sua missão, mas sem que isso contribuísse para criar diferenças de estatutos socio-eclésiais.

Eles não tiveram a alegria de viver numa Igreja assim. Mas partiram com uma maior esperança de que lá se haveria de chegar, se o caminho traçado, até agora, por Francisco, não sofrer recuos. Mais uma etapa deste caminho está em marcha: o Papa reafirmou o seu anseio por uma Igreja sinodal. Eu interpreto o desejo do Bispo de Roma, não tanto como a vontade da Igreja estar em estado de sinodalidade, mas ser mesmo sinodal. Para os leitores que possam não estar tão familiarizados com este termo, quer dizer que o Papa Francisco deseja uma Igreja mais, visivelmente, unida. O próprio conceito de sínodo aponta para isso. A palavra é constituída pelos termos "sun" (juntos) e "odos" (via, caminho) ou seja, "caminhar juntos".

Quando chegou à Diocese de Setúbal, Manuel Martins procurou traçar esta via,

criando logo um órgão, verdadeiramente, colegial ao qual chamou de Assembleia Diocesana. Espaço onde, em termos de estar e de intervir, o bispo, os padres e os leigos não se distinguiram.

Quando iniciou esta forma de participação foi, violentamente, criticado dentro da Diocese (eu fui um dos críticos) e por membros de outras, sobretudo da hierarquia. Mesmo da alta hierarquia. Mas nunca desistiu. Agora, em todo o mundo, se pede que a Igreja tenha esta prática. Sinal de que o primeiro Bispo de Setúbal, também nesta atuação, não estava errado, mas desperto aos apelos do Espírito Divino que anima a Igreja.

Os que o conheceram, verdadeiramente, sabem que, junto de Deus, está feliz por mais esta ousadia de Francisco. Sabemos que é um dos muitos que, agora na vida onde a comunhão fraterna não tem empecilhos, está a rogar a Deus pela transformação da Igreja. Pessoalmente, peço-lhe que reze muito por mim, pois, estou algo cético quanto a essa desejada "metanoia"- mudança de espírito, mudança de atitude. ■

semmais / Ficha Técnica

Diretor **Raul Tavares** / Redação, **Alexandra Costa, Anabela Ventura, António Luís, Cristina Martins, José Bento Amaro, Marta David** / Coordenação Comercial **Cristina Almeida** / Direção de arte **Pedro Frade** / Design e paginação **Baltazar Martins** / Serviços Administrativos e Financeiros **Mila Oliveira** / Distribuição VASP e Maiscom, Lda / Propriedade e Editor **Maiscom Edição e Publicações, Unipessoal, Lda**; NIPC 513 409 246 / Capital Social **Raul Manuel Tavares Pereira** (100%) / Redação Largo José Joaquim Cabecinha nº8-D, (traseiras da Av. Bento Jesus Caraça) 2910-564 Setúbal. E-mail: publicidade.semmais@mediasado.pt; Semmaisjornal@gmail.com / Telefone: 93 53 88 102 / Impressão Empresa Gráfica Funchalense, SA. Rua Capela Nossa Senhora da Conceição, 50 - Moralena 2715-029 - Pêro Pinheiro / Tiragem 20.000 (média semanal) / Reg. ICS: 123090. Depósito Legal; 123227/98 / **semmais.pt** / **f** /jornalsemmais



Côte d'Azur

Mediação Imobiliária, lda

AMI 9532

DE VOLTA À REALIDADE FEIRAS INTERNACIONAIS

CONNOSCO O SEU IMÓVEL TEM MONTRA ALÉM FRONTEIRAS

LISBOA



DUBAI



BÉLGICA

SECOND
HOME
EXPO

SUÍÇA



PARIS



(+351) 212 280 066 | info@cotedazur.pt | www.cotedazur.pt